

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

LETRAS/LIBRAS – MODALIDADE A DISTÂNCIA

DIDÁTICA E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Professoras-Autoras

Gladis T.T. Perlin

Patrícia Luiza Ferreira Rezende

Professora-Disciplina

Patrícia Luiza Ferreira Rezende



Florianópolis 2011

Apresentação da disciplina

Aluno (a),

Você tem em mãos este caderno pedagógico. Ele se refere à parte Didática da educação. Tem em vista te levar a um passeio por esta instigante disciplina. Instigante porque nela você encontrará idéias de como o professor programa sua atividade pedagógica.

Na educação o que toca para a Didática são os aspectos considerados no planejamento do ensino. Ou seja, as práticas de prever como irá desenvolver, bem como de avaliar o ensino. Não no sentido de reprimir, controlar e disciplinar o aluno, mas no sentido de conduzir o aprendizado seja pelo trabalho docente ou pelas ações que os estudantes são levados a experimentar.

O caderno está dividido em quatro unidades. Cada uma delas é relevante e te trarão uma visão sobre a Didática no campo da educação de surdos a fim de perceberes como ela se desenvolve no trabalho do educador, na atividade da transmissão do conhecimento aos surdos, Ela também procede dos conhecimentos que foram sendo acumulados pelas gerações que nos antecederam.

Procure transitar neste caderno pela leitura consciente e produtiva. Para isto, para te ocupares mais profundamente terás algumas atividades aí colocadas.

Esperamos te sintas introduzido pelos caminhos da Didática.

As professoras Patrícia e Gladis

Objetivos:**Geral:**

Situar a Didática no campo da educação de surdos a fim de perceber como ela se constitui como trabalho do educador ao planejar a atividade para a transmissão de conhecimentos.

Específicos:

- ✓ Situar a Didática no campo da Pedagogia dos surdos;
- ✓ Perceber a Didática utilizada para transmissão de conhecimentos aos surdos;
- ✓ Conhecer conceitos inerentes a Didática sob diferentes teorias;
- ✓ Perceber diferentes concepções Didáticas para a educação de surdos;
- ✓ Perceber a forma de tornar o objeto em questão como objeto de conhecimento para os surdos;
- ✓ Conhecer planejamentos de ensino sob concepção da Didática Cultural;
- ✓ Perceber e refletir nossos cotidianos e lutas para as nossas práticas docentes.

SUMÁRIO

Unidade I – Didática: conceituação e história

- 1.1. Conceituando a Didática
- 1.2. História: Comenius e a Didática Magna
- 1.3. Nas tramas da Pedagogia: Didática e Currículo
- 1.4. Atividades

Unidade II – Transitando as teorias que movimentam diferentes concepções da Didática

- 2.1. A Didática e os processos tradicionais
- 2.2. Teorias Críticas
- 2.3. Teorias Pós-modernas
- 2.4. Atividades

Unidade III – Com vistas a uma Didática Surda

- 3.1. Didática Cultural
- 3.2. A Didática Cultural dos Surdos
- 3.3. Atividades
 - 3.3.1. Leitura obrigatória: Surdos: Cultura e Pedagogia
 - 3.3.2. Leitura obrigatória: O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda
 - 3.3.3. Leitura obrigatória: Professores Surdos: Identificação ou “Modelo”

Unidade IV – A Didática surda como planejamento do ensino

- 4.1. O planejamento do ensino na Didática Surda: uma estratégia de política cultural
- 4.2. Narrativas de temas culturais utilizados por professores surdos
- 4.3. Uma série de temas culturais que os professores surdos estão colocando
- 4.4. O preparo didático
- 4.5. Atividades Finais

Conclusão

Referências bibliográficas

Unidade I

Didática: conceituação e história

A disciplina de Didática se insere no rol de outras disciplinas consideradas implicadas no contexto educacional. Assim a Pedagogia, a Didática e o Currículo se apresentam interligados, difícil é separá-las, pois predominam quase simultaneamente no contexto educacional.

Importa-nos situar a Didática e suas implicações no contexto educacional, mais precisamente na formação de professores, em magistério, em licenciaturas, mais especificamente em curso superior de Pedagogia, e agora estamos estudando a disciplina Didática e Educação de Surdos nesta licenciatura inédita: Letras/Libras.

Inicialmente nos cabe apresentar aqui a Didática, bem como delinear uma conceituação da mesma. Ela se apresenta como sendo a disciplina da atividade do professor em vista a introduzir o objeto de conhecimento ao aluno. Dessa forma vamos nos preocupando em conceituar a palavra em termos de etimologia.

Um desafio premente também nesta unidade convida a nos situar no aspecto histórico de onde surge a Didática.

Este desafio também é presente, tendo em vista que nos encontramos numa temporalidade cultural fortemente contestada e batalhamos para constituir teorias condizentes com as nossas estratégias de política cultural no contexto de licenciatura em Letras/Libras.

Como dizemos anteriormente, não importa o estudo deste campo no sentido etimológico, mas seria necessário apresentar o conteúdo brevemente a fim de nos situarmos antes para que possamos seguir os estudos desta disciplina no sentido mais amplo, mais histórico com práticas culturais na Educação de Surdos.

Enfim, apresentamos a conceituação bem como a criação da Didática Magna, como a entendeu Comenius. Este foi o começo de tudo, que surgiu para sistematizar o ensino e suas implicações.

1.1. Conceituando a Didática

O caminho para a constituição do conceito de Didática é quase inviável dada sua complexidade. Seria confortável e confortador ter à mão um vocabulário com uma definição rápida sobre a Didática. Digamos que, não só da Didática, mas, que também nos situaríamos em outras ocasiões com necessidade de outros conceitos. O intelectual da educação necessita de conceitos e termos para se situar mais facilmente.

Em algumas situações notamos que os termos “ensino, aprendizagem e Didática” parecem pertencer mais a Pedagogia tradicional. O campo teórico educacional tem passado por muitas transformações, é, hoje, muito diversificado. É preciso ter cuidado ao constituir um conceito. Um conceito utilizado em um campo teórico não é o mesmo utilizado em outro. Assim, neste caderno pedagógico com base cultural cada conceito deve tender a este campo. Como falávamos acima: encontramos-nos numa temporalidade cultural fortemente contestada e daí surge a necessidade de o conceito atender a situação teórica. De outra forma também ele não vai esgotar aqui todos os conceitos sobre Didática.

A Didática pode conceituar-se naquele conjunto de comportamentos, atitudes e valores de que o professor se utiliza e segundo o qual consegue aproximar o aluno do conhecimento. Seriam aqueles procedimentos implicantemente usados nos rituais de ensino.

Isto é interessante, pois permite visualizar diferentes jeitos de se planejar o ensinar.

Na teoria cultural formas “Didáticas” concebidas para transmitir os conhecimentos acumulados pelas gerações que nos antecederam variam muito. Planejar o ensino nem sempre tem sido da mesma forma. Assim, no contexto cultural em que estamos nos detendo, como ensina Corazza, as práticas de planejamento de ensino são também os esforços desprendidos por professores que:

vêm analisando as formas como a produção cultural se organiza e se constitui também no espaço da educação escolarizada e, com efeito destas análises, desenvolvem estratégias políticas alternativas, dentre as quais a de planejar o ensino em outra direção e com outras significações (1997, p. 107).

Notamos a partir da declaração de Corazza (1997) que a conceituação da “Didática”, ou seja, o planejamento do ensino assume uma forma diferente no espaço cultural. Sendo que seu conceito evolui quando usa uma forma de identificação política e cultural.

Isto nos permite dizer aqui de uma forma diferente desta cultural, a forma moderna em que o professor, na concepção comeniana, como veremos mais adiante na seqüência histórica da modernidade, é controlado no seu fazer pedagógico, constituindo assim dispositivos pedagógicos com a condensação de métodos, seqüenciação dos conteúdos, a delimitação dos tempos, ou seja, o professor deve seguir rigorosamente didaticamente no planejamento de ensino. O professor, neste espaço também controla o aluno, visto que tem um objetivo disciplinador. É que o espaço moderno sempre padroniza as formas de trabalho didático.

Esta forma é bastante diferente da prática cultural verificada na pós-modernidade. A prática de planejar o ensino de forma cultural evidencia o que se coloca em movimento na atividade do professor, mas também oferece posições seja problematizando ou reproblematicando, e ainda levantando questionamentos sobre como o ensino vai motivar a questão cultural e política

do sujeito da educação. Assim, na prática cultural, como falamos no conceito, o professor tende a levar o sujeito ao encontro do conhecimento, sempre o situando na importância de buscar e motivar o conhecimento.

Uma questão que também questiona na posição pós-moderna é a necessidade ou não da presença do professor como condutor de ensino. O caso dos surdos que aprendem entre os surdos, isto é, aprendem a cultura no povo surdo entra aqui. A importância da presença do professor surdo para a possibilidade de identificação cultural também é um dos pressupostos da pós-modernidade. Sem querer excluir o professor ouvinte, também enfatizamos a importância deste professor desde que ele possua interculturalidade, ou seja, tenha possibilidade de interagir com os alunos surdos em respeito a sua cultura surda, a sua língua de sinais.

Isto são os novos rumos da teorização: Didática cultural. E oferece a nós, futuros educadores, possibilidades teóricas e práticas de questionar, indagar, discutir: o que aplicar em nossas atividades. Tudo para que a questão do sujeito estranho e diferente, uma vez que abominamos a idéia de homogeneidade na sala de aula, possa continuar em sua alteridade. Daí isto indaga as condições que estão a oferecer as práticas culturais para que o ensino e a aprendizagem sejam abrangentes a todos da sala de aula.

Assim, apresentamos nas próximas unidades, para que vocês possam aprender as lições deste espaço cultural, fazendo com que os alunos diferentes entre si, e suas culturas possam, aprender e compartilhar aprendizados em nossas práticas pedagógicas, os nossos Currículos, as nossas Didáticas.

1.2. História: Comenius e a Didática Magna

Para tramitar a Didática em questão, o livro *Comenius e a Educação*, de Mariano Narodowski, foi e ainda é a melhor leitura que encontramos. Veiga-Neto quando na apresentação do livro diz:

O valor de Comenius para a Pedagogia está no fato de que ele instaura, a partir de numerosos textos, alguns dos mais relevantes mecanismos que se perpetuam ao longo desses últimos quatro séculos na Pedagogia moderna (2004, p.13).

Dizendo em outras palavras, o nascimento da Pedagogia Moderna no século XVII com a Didática Magna, do criador Comenius, foi um marco importante para os séculos que viriam, constituindo dispositivos pedagógicos a que nos submetemos nas instituições escolares. Se não fosse o surgimento da Didática Magna, seria obscura a nossa educação e também não seríamos o que somos se não fosse a sistematização de ensino com a concepção desta Didática Magna, que é um marco importante para aqueles tempos remotos quanto nas mudanças de pensares, no concebimento do conhecimento e na forma de transmissão deste conhecimento.

Ou seja, Didática Magna, marca o início da sistematização da Pedagogia e da Didática. Ainda Veiga-Neto diz:

É a *Didática Magna*, no entanto, a obra que se posiciona respondendo ao desafio que a Modernidade coloca acerca da educação do corpo infantil. A *Didática Magna* é muito mais do que um livro. “Ou, num outro sentido, a Didática Magna é o livro da Pedagogia, já que parece se constituir num tipo da Pedagogia, já que parece se constituir num tipo de monumento que expressa –e, ao mesmo tempo, honra – a origem do pensamento moderno.” (2004, p. 14):

É assim que referenciamos Comenius¹ no início desta unidade para entendermos a Didática e suas implicações, uma vez que ele oferece princípios norteadores pelos quais a Pedagogia moderna seria desconhecida para nós, que somos futuros licenciados.

¹ Citamos Comenius através da leitura do livro *Comenius e Educação*, de Mariano Narodowski.

Quando pensamos em uma instituição escolar em que todos são respeitados com peculiaridades, aptidões, limites, em que se acredita que se deve ensinar a todos sem distinção e sem dogmas da diferença cultural, têm uma visão moderna no campo da educação, ou seja, somente neste século que temos acesso a educação sistematizada apesar de Comenius ter tido esta idéia predominante há vários séculos atrás.

Comenius realizou sistematização de ensino, de práticas educativas, que segundo ele segue os princípios naturais, foi ele que advertiu sobre o processo de aprendizagem de crianças, que até então tinham que aprender igual a adultos, que eram tidos como adultos em miniatura, constituindo assim um Currículo² que leve em conta o processo de ensino-aprendizagem.

O princípio norteador da obra de Comenius, *Didática Magna* é “Ensinar tudo a todos” que segundo Narodowski (2004, p. 25 e 26) constitui uma utopia. Utopia esta que é uma idealização pansófica, em que Comenius idealiza uma educação em que todos educadores devem “ensinar tudo a todos.”

Com o surgimento desta idéia predominante na obra do Comenius, que ele exigiu a ruptura com a Igreja Católica que até então dirigia escolas destinadamente a elite burguesa abrindo espaço para o ensino a todos os seres humanos, não importando a origem.

Ensinar tudo a todos incluía até os deficientes e as mulheres, que até então eram excluídos da educação.

² Bobbit foi um dos precursores sobre o Currículo. Para ele o Currículo é como um campo especializado de estudos. Com a escrita de seu livro *The curriculum* em 1918, o autor procurou relacionar o sistema educacional para a educação das massas objetivando uma educação industrializada, com um modelo voltado para a economia. Ou seja, ele buscou igualar o sistema educacional ao sistema industrial com um modelo organizacional e administrativo. Segundo Silva (idem, p. 23), para Bobbit, a idéia sobre o Currículo consistia: “pesquisar e mapear quais eram as habilidades necessárias para as diversas ocupações”. Assim sendo nasceu o Currículo. O currículo identifica a organização das atividades didáticas com temas específicos.

Antes do surgimento do pensamento propulsor do Comenius, a educação era tida como sádica, como uma punição para os estudantes não oferecendo noções rudimentares para uma cidadania plena na sociedade. Para ele, os estudantes poderiam aprender e contribuir com o seu conhecimento, não como um simples espectador, ele diz “deve-se começar a formação muito cedo, pois não se deve passar a vida a aprender, mas a fazer”.

Comenius, em seu livro *Didática Magna*, disse que a infância é o ponto de partida, o princípio de tudo, segundo Narodowski (2004, p. 45) que analisou a *Didática Magna*, o qual comenta:

A infância é apenas o ponto de partida que se faz necessário, posto que existe uma meta à qual chega através do ordenamento dos processos, do simples ao complexo, da primeira idade à idade madura. Em Comenius, a diferença entre a infância e a idade adulta é uma diferença de grau, na qual o ser humano alcançou o seu desenvolvimento.

Também encontramos no discurso comeniano sobre a importância da aliança escola-família, a qual implica diferenciação de espaços da educação, uma não interfere na outra, o espaço da casa família, o espaço da escola, são apenas articuladas, Comenius diz “a cada qual as suas coisas”.

Comenius dá relevância para o papel do educador, para o pedagogo, para o professor, como o mais importante intelectual no contexto da sala de aula, mas segundo Narodowski (2004, p. 89):

é um intelectual vigiado pela configuração discursiva que determina as atividades de ensino por cuja execução ele é inteiramente responsável. Por isso, o método é algo que não pode ser deixado ao acaso; mas, nem tampouco, às decisões individuais baseadas no livre arbítrio daqueles ensinam.

Enfim, a *Didática Magna* foi e ainda é significativo para muitos educadores, para a educação dos séculos passados e para a atualidade, mas que seguimos para muitas outras teorizações educacionais, pois a *Didática Magna* se enquadra na teoria moderna.

Agora, falemos da Didática Contemporânea, os nossos atuais, os nossos saberes e práticas nestes tempos presentes. Tomemos conhecimento de que a Didática segue vários pressupostos e paradigmas, com passagens em diferentes teorias constituindo as atividades e práticas docentes diferentes em seus campos. Didática Magna, tradicional, moderna, experimental, psicológica, sociológica, especial, cultural... o que não podemos negar é a sua contribuição à Educação.

Desde os primórdios da Didática Magna, até a contemporaneidade nos deparamos com as diferentes teorias sobre o ensino, a aprendizagem, a Didática, o Currículo, a Pedagogia, a Escola... e por conta disso que vivenciamos uma longa tradição. Tradição de disciplinamento, de institucionalização da escola, de governamento de nossos conhecimentos, o que ensinar o que não ensinar o que aprender o que não aprender tudo isso condiz com a tradição de certa Didática de cada época, ainda que nos momentos atuais imperem Didáticas modernas.

Estamos na era da pós-modernidade, em que impera as contestações e lutas culturais, em que criamos a Didática Cultural, como uma estratégia do docente em respeito a diferenças culturais.

Os estudos do campo da Didática consistem na idéia de conhecimento e prática de nossos fazeres enquanto atuantes da educação nos levar a refletir que não existe uma só teoria que possa dominar o campo da Didática. O que podemos propor é a reflexão constante para o domínio de nossas atividades docentes. O que encontramos em foco é a Didática Cultural, muito contemporâneo e premente para a nossa convivência teórica e prática.

Hoje, buscamos espaços para que a LIBRAS seja valorizada, reconhecida e seja a bandeira do povo surdo brasileiro, assim a Pedagogia, bem como o Currículo e a Didática, não podem ser como antes, devemos romper com as tradições tradicionais e modernas. É um tempo de pensar e repensar as nossas lutas e

resistências, somos desafiados, como futuros licenciados no ensino de LIBRAS, a vivenciar e praticar nossa docência dentro do espaço cultural.

1.3. Nas tramas da Pedagogia: Didática e Currículo

A disciplina Didática não poderia ser independente. Ela sempre se encontra articulada a outras disciplinas, inclusive a Pedagogia e o Currículo. Estes estão intimamente entrelaçados, com suas diferenças, aproximações, conexões, fronteiras. São campos importantes da atividade docente, bem como de sua formação.

É um desafio nestes tempos contemporâneos a questão dos campos de ensino principalmente quando se trata de falar sobre a Didática com bases culturais. Entendemos que a Didática é o jeito das práticas de transmissão dos conhecimentos que pertencem a todos. Temos a preocupação de na próxima unidade discutir estas práticas implicantes na modernidade, na teoria crítica e na pós-modernidade.

Os campos da Pedagogia, Didática e Currículo são disciplinas de relevância e importância para a atividade e a formação docente. Cada campo representa conteúdos, teorias, princípios, metodologias, objetivos constituindo um saber científico para o aprendizado e as práticas de ensino.

O campo da Pedagogia é muito diversificado, ele dá a dica sobre a diferente prática que se realiza em cada uma delas. Assim temos muitíssimas formas de Pedagogia. Citamos algumas para melhor entender a sua presença: Pedagogia tradicional: tudo deve convergir ao princípio universal, não se admitem diferenças; Pedagogia crítica: utiliza-se de uma atitude de questionamentos aos condicionamentos sociais existentes; Pedagogia cultural: está envolvida em questões de relações de poder como sendo a identidade, a política, etc. Diante

disto temos que necessariamente o tipo de Pedagogia também modifica a Didática, pois estão entrelaçados.

O campo da Didática tem o seu começo com a criação da Didática Magna, e com o passar do tempo vem constituindo muitos saberes e práticas diferentes no contexto educacional. Isto é deduzido pelo que falamos acima sobre a Didática cultural.

O campo do Currículo é um campo árduo e muito debatido por meio intelectual, a sua produção se intensifica com a publicação do livro *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do Currículo*, de autoria de Tomaz Tadeu da Silva. O autor foge da tentativa de definir precisamente o termo Currículo, ele apenas atravessa as diferentes teorias do Currículo, desde o surgimento deste campo, ele diz:

Em geral, começam com as definições dadas pelo dicionário para, depois, percorrer as definições dadas por uns quantos manuais de Currículo. Na perspectiva aqui adotada, que vê as “teorias” do Currículo a partir da noção de discurso, as definições de Currículo não são utilizadas para capturar, finalmente, o verdadeiro significado de Currículo, para decidir qual delas mais se aproxima daquilo que o Currículo essencialmente é, mas, em vez disso, para mostrar que aquilo que o Currículo é depende precisamente da forma como ele é definido pelos diferentes autores e teorias. Uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o Currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o Currículo é. (2005, p.14)

Para entender os diferentes campos de visão teórica da Pedagogia, da Didática e do Currículo, em que os alunos se situam influenciando no seu aprendizado, no seu pensar, no seu viver escolar que oferecemos na próxima unidade as visões teóricas implicantemente no campo do Currículo, da Didática e da Pedagogia.

1.4 Atividades

1. Procure alguma conceituação da Didática em alguns livros que contenham a teoria moderna. Compare com o conceito de Didática cultural.
2. Faça uma pesquisa sobre o Comenius, relate a importância que ele tem para os dias passados e presentes e faça um breve relato e compartilhe na sala de aula.
3. Faça um pequeno memorial sobre a sua trajetória escolar, sobre as cenas que marcaram sua vida escolar, sobre os professores, sobre os livros, enfim faça um pequeno passeio ao seu passado e relacione com a aprendizagem do tema de Didática nesta unidade que estudamos até agora.

Unidade II

Transitando as teorias que movimentam diferentes concepções da Didática

Para começar nesta unidade, queremos transitar pelas diferentes teorias que podem direcionar a Didática. Para que possamos analisar e conceituar a Didática da Educação de Surdos temos de nos deter em seus diferentes tempos, espaços, lutas, resistências, contestações, e ainda pensar e repensar as práticas enquanto docentes. A prática da Didática vai nos dar uma visão para bem fazer conexões das teorizações que a seguem. Neste ponto a Didática melhor compreendida será útil para o ensino de LIBRAS.

Nesta unidade trataremos de três diferentes posições teóricas que podem nos ajudar a identificar melhor os caminhos da Didática. Não pretendemos separar a Didática da Pedagogia e do Currículo, pois ambos são intercalados e entremeados.

Para entrar nesta tematização que são teorias e suas implicações em Didática devemos conhecer os pressupostos teóricos de vários autores no que refere à diferença de ambas. Um bom livro para se entender isto refere ao Currículo, livro que Tomaz Tadeu da Silva (1999) nos presenteia e que se denomina: *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do Currículo*³.

Atentamos para que nem sempre devemos referenciar a Didática como algo pronto, ou que contenha meios que devem ser seguidos, devemos sempre seguir às necessidades dos novos tempos. Ou seja, atravessamos por umas

³ Este livro: *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do Currículo*, esta sendo usado como base para esta unidade. Ele se encontra na relação bibliográfica de nosso caderno. Assim, propomos que, se você requeira uma leitura e estudos mais aprofundados sobre o tema, leia o livro. Aqui oferecemos um ensaio a partir do livro, transitando nas diferentes teorias, contudo a parte das teorias pós-modernas contém ainda o pensamento de outros consagrados autores como Stuart Hall.

teorias diferentes em seus diferentes tempos e espaços. E é importante conhecer e nos situar teoricamente.

É assim queremos fazer num quadro abaixo⁴ para desenvolver cada item em algumas idéias teóricas para depois podermos melhor explicar ambos. O quadro é muito bom, é como exemplos em que se percebe que as teorias tradicionais se diferem das críticas que por sua vez também se diferencia da pós-moderna. Como disse Silva:

Uma teoria define-se pelos conceitos que utiliza para conceber a “realidade”. Os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que sem eles não “veríamos”. Os conceitos de uma teoria organizam e estruturam nossa forma de ver a “realidade”. Assim, uma forma útil de distinguirmos as diferentes teorias do Currículo é através do exame dos diferentes conceitos que elas empregam. (idem, p. 17)

E segue o quadro de Silva mostrando estas diferenças teóricas da Educação.

Teorias Tradicionais	Teorias Críticas	Teorias Pós-modernas
Ensino	Ideologia	Identidade, alteridade,
Aprendizagem	Reprodução cultural e	diferença
Avaliação	social	Subjetividade
Metodologia	Poder	Significação e discurso
Didática	Classe social	Saber-poder
Organização	Capitalismo	Representação
Planejamento	Relações sociais de	Cultura
Eficiência	produção	Gênero, raça, etnia,
Objetivos	Conscientização	sexualidade
Modelo de homem a	Emancipação e libertação	Múltiplas culturas
formar	Resistência	

Vamos delinear a partir de agora as concepções das diferentes teorias sobre a Didática, pairando em tempos remotos e próximos. O questionamento que aplicamos é sobre é como uma determinada teoria concebe o planejamento. O

⁴ O quadro que está à página 17, no livro de Silva, foi copiado e modificado em parte.

que norteia o ensino nesta teoria? Como o professor deve planejar para os alunos aprenderem de acordo com esta determinada teoria? O que deve persistir no planejamento didático desta teoria, por exemplo: o controle sobre o que o sujeito aprende ou para a construção do conhecimento como motivação política e de identidades? Estas questões são norteadoras e devem ser debatidas e entendidas por aqueles que fazem parte da formação docente.

2.1. A Didática e os processos tradicionais

Como vimos da leitura de Comenius, foi por meio das teorias tradicionais que se originou a sistematização do ensino, os educadores nos tempos remotos sempre estiveram envolvidos com o ensino antes mesmo do surgimento das atuais denominações de Pedagogia, Didática e Currículo. A Didática Magna é um dos exemplos compilados na teoria tradicional, como já explicitamos na unidade anterior.

As teorias tradicionais em educação enfatizam a questão da objetividade com uma pergunta central: “como formar o homem de acordo com o modelo?” Esta questão gira sempre em vista de um modelo, um objetivo. O modelo é universal. Desta forma a Didática se preocupa sobre organizar tecnicamente os conteúdos a serem ensinados a partir de um modelo. Uma forma tecnicista e universal de organizar os conteúdos. O planejamento aqui tem objetivos que primam pela organização pelas estratégias em torno da Pedagogia, da Didática e do Currículo de forma essencialmente técnica.

O Planejamento neste espaço, como salienta a autora Corazza (1997) no artigo em referência, tem se constituído em respostas genéricas aos “comos”. A forma de ensino se tornou historicizada. A forma tradicional é tecnicista e instrumental e organiza conteúdos, objetivos, atividades e avaliações de uma

maneira que nada tem a ver com a política das culturas, mas que tende ao universal e conduzem a uma aprendizagem mecânica e unificada.

Corazza (1997, p.115) ainda escreve sobre o que aprendeu no Curso Normal, onde estudou no colégio de freiras:

Lá, ensinaram-nos diversas maneiras instrumentais de planejar, dando-nos as “etapas” ou “passos” a serem seguidos, quer se tratasse do plano de curso, plano de unidade, método de projetos, centro de interesses, etc. Em nenhum momento, tais modalidades eram identificadas como fabricações culturais/educacionais e, no máximo, ensinavam-nos o nome do homem (sic!) que as havia “inventado”.

Desta forma, a autora critica o tradicionalismo desta Didática que sistematiza estratégias de planejamento de ensino constituindo controle sobre o professor quanto no planejar das suas aulas.

2.2. Teorias Críticas

Foi a partir da década de 1960 que surgiram uma série de críticas contra a Pedagogia, a Didática e o Currículo técnicos e tradicionais. Louis Althusser lança um livro *A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado*. E ainda Bourdieu e Passeron que escrevem *A reprodução*. Obras estas que viriam formar uma nova sociologia da educação. E ainda o nosso saudoso brasileiro, Paulo Freire com o seu livro *A Pedagogia do oprimido* traz novas críticas ao sistema educacional. Estas são obras significativas para o avanço das teorizações críticas e principalmente marxistas no campo da educação brasileira. Silva diz: “As teorias críticas do Currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais” (idem, p. 29).

A teoria do Althusser, segundo Silva que “a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias escolares, as crenças que nos fazem vê-la como boa e desejável” (idem, p. 32). Já *a escola capitalista*, de Bowles e Gintis, “ênfatisa a aprendizagem, através da vivência das relações

sociais da escola, das atitudes necessárias para se qualificar um bom trabalhador capitalista” (p. 32-33). Por fim, *A reprodução*, de Bourdieu e Passeron, afirma que o Currículo está baseado na cultura dominante, o que faz com que crianças das classes subalternas não dominem os códigos exigidos pela escola.

Ainda há a concepção fenomenológica e hermenêutica, em que a perspectiva do:

Currículo não é, pois, constituído de fatos, nem mesmo de conceitos teóricos e abstratos: o Currículo é um local no qual docente e aprendizes têm a oportunidade de examinar, de forma renovada, aqueles significados da vida cotidiana que se acostumou a ver como dados e naturais. O Currículo é visto como experiência e como local de interrogação e questionamento da experiência. (Silva, p. 40-41)

Desse modo, podemos dizer que a teorização sobre a Pedagogia, a Didática e o Currículo sob esta perspectiva focaliza mais a autobiografia, ou seja, o memorial contando os nossos episódios e sentimentos perpassados na escola, fazendo a conexão do eu e o Currículo formal. Assim, a fenomenologia nos permite pensar, repensar autobiograficamente, tão necessária para a nossa formação docente.

Michael Apple, um dos influentes do marxismo, ele “procurou construir uma perspectiva de análise crítica do Currículo que incluísse as mediações, as contradições e ambigüidades do processo de reprodução cultural e social” (p. 48). Desta forma, podemos dizer que ele contribuiu para politizar a Pedagogia, a Didática e o Currículo.

Quanto ao Currículo como política cultural, de Henry Giroux, que se preocupa com a problemática da cultura popular, ou seja, sua análise de Currículo se fundamenta mais cultural do que educacionalmente. Ele critica o Currículo sob perspectiva tradicional, quanto ao positivismo e a racionalidade técnica.

Silva diz que Giroux:

argumenta que a escola que a escola e o Currículo devem funcionar como uma “esfera pública democrática”. A escola e o Currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação de questionamentos dos pressupostos do senso comum da vida social. Por outro lado, os professores e as professoras não podem ser vistos como técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidas nas atividades da crítica e do questionamento, a serviço do processo de emancipação e libertação. (p. 54-55).

Giroux ainda vê pouca diferença entre Pedagogia, Didática e Currículo, que segundo ele, é um campo cultural de lutas, ou seja, uma política cultural.

Outro pensador influente é Paulo Freire, suas teorizações não se limitam a prognosticar a educação, e sim como deveria ser. Suas críticas advêm do fato da educação ser bancária. O autor preconiza a construção da Pedagogia, Didática e Currículo em atendimento a demanda de jovens e adultos, priorizando alfabetização dentro do cotidiano deste alunado. Paulo Freire é adepto da Pedagogia pós-coloniana em que ele defende a Pedagogia dos oprimidos, sobre isto ele escreveu um livro.

Enfim, nestas teorias críticas, nos pairamos no meio termo, nos encontramos em uma trajetória rumo a pós-modernidade, ainda não nos encontramos no espaço condizente com o nosso ser cultural, ainda estamos transitando, é como podemos dizer que nesta era, estaríamos na Comunicação Total, e até mesmo no Bilingüismo em suas diferentes concepções.

2.3. As novas paisagens da Teoria Pós-moderna

A questão central nesta teorização remete aos campos da Pedagogia, Didática e Currículo as arenas de lutas políticas e indica outras possibilidades que as da teoria moderna ou da teoria crítica. Dessa forma a Pedagogia, a Didática e o

Currículo se ocupam com a diferença e a cultura do grupo a que pertencem⁵. A pergunta refere ao planejamento que o pós-moderno se ocupa, ou seja, envolvimento com as diferenças, com as conexões entre saber, identidade, identidade cultural e poder que são evidentes nestes contextos. A Pedagogia, a Didática e o Currículo assumem uma prática de incentivo a produção cultural. Diferente do contexto das outras teorias que visam a cópia de modelos, a produção capital e a luta de classes.

Então o que se implica neste campo é aquilo que promove as produções culturais dos sujeitos advindos de vários espaços sociais. Este espaço tende a respeitar as práticas emancipatórias da educação. E inclusive não se limita a discutir, mas a avançar nestas práticas de emancipação dos corpos dos sujeitos mantidos nos espaços de dominação.

Nestas teorizações, quando na sua construção também implica uma questão de poder. As práticas culturais são muito férteis e os territórios de outras teorias são contestados, o que dificilmente seria possível nas teorias tradicionais devido a sua rigidez e sem liberdade para a produção, a contestação.

A diferença surge na contestação, segundo Silva:

[...] dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional [...] que aponta solução para os problemas que a presença de grupos raciais e étnicos coloca no interior daqueles países para a cultura nacional dominante (1999, p. 85).

Vertentes estas que representam um importante marco para a luta política que questiona a Pedagogia, a Didática e o Currículo oficial, ou seja, a educação preconizada pelos órgãos públicos, como é o caso dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Estas posições dos poderes públicos remetem aos

⁵ Pode-se notar que os surdos por muitos anos sempre tiveram uma educação preparada para eles como o oralismo, a comunicação total, o bilingüismo. Uma pedagogia própria do professor surdo para os surdos obviamente contém uma Pedagogia, Didática e Currículo diferentes. Nestes casos pode ser chamados de achados culturais que em nosso tempo estão sendo reescritos

termos “diversidade”⁶, “tolerância”⁷ com que muitas vezes os surdos são tratados.

Quanto a Pedagogia, a Didática e o currículo surdos, esta teoria nos coloca em terreno fértil em que questiona as relações de desigualdades sociais entre surdos e não surdos. Trata-se de um importante espaço para a contestação dos surdos que até então eram excluídos em diferentes espaços sociais. Aqui se constrói o grupo, se solidificam os artefatos culturais. Aqui não se questionam desigualdades capitalistas, mas desigualdade de oportunidade e a visão da anormalidade atribuída aos surdos bem como a questão da diferença cultural o uso da língua de sinais e outros pressupostos.

As teorias pós-modernas possuem várias vertentes preconizadas em que vivemos uma nova cena histórica, novas cenas educacionais. Seus espaços são campos contestantes de conceitos e discursos da modernidade. É obvio que questionamos o Currículo e as práticas da modernidade e da teoria crítica, cujas características podem ser enumeradas: a) saber totalizante; b) razão iluminista; c) progresso cumulativo; d) axiomas inquestionáveis; e) sujeito racional, livre e autônomo; f) questões de subalternidade. E propomos mudanças nestes espaços. Nossa proposta visa o fortalecimento da cultura surda, a identidade como sujeitos surdos. O que se faz está determinado pelo que se pensa a partir de dentro, de espaços culturais.

Por que enfatizamos a teoria pós-modernidade como nossa bandeira? Seria a teoria importante para nossos fazeres, nossos pensares, nossas lutas? Sim, pois dentro do campo educacional é importante sabermos quais teorias nos encontramos, nos afinamos, nos identificamos. Teoria não poderia ser

⁶ Termos “Diversidade” e “tolerância” remetem a idéia segundo Silva (2000, p.73): “na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença.”

desprezada sem conhecermos suas origens, suas criações, assim como conhecermos teorias dos tempos remotos e atuais. Também seria importante conhecermos determinadas teorias são condizentes ou não a nossas práticas docentes.

A teoria pós-modernidade nos permite, como disse Corazza (1997, p. 122) planejar, mas que sob suspeição:

Planejar, sim, mas colocar nossos planos sob suspeição. Sabendo que, ao realizá-los, estamos sempre comprometidos com o poder-saber integrante da ação de planejar, correndo o risco de enunciar uma dada ontologia moral e identitária dos alunos. Tendo presente que, ao planejar e ensinar, estamos implicados por determinados interesses, privilégios, sentidos e que somos fabricantes ativos de culturas, subjetividades, identidades e significações.

Assim, referenciamos a teoria pós-modernidade que nos permite fugir do controle da modernidade, nos sentimos sujeitos em nossa ação no ensinar, no planejar, no vivenciar no aprendizado dos alunos que são sujeitos da sua história, sem amordaçado cultural, em que suas mãos são livres para aprenderem e sentirem como sujeitos em seu espaço cultural, com suas reais necessidades, com seus artefatos culturais.

2.4. Atividades

Nestas atividades vamos entrelaçar os filmes com as teorias que movimentam a Pedagogia, a Didática e o Currículo, fazendo uma análise de filmes, pesquisando filmes que tenham os professores como personagens significativas e suas implicações no contexto da sala de aula.

1. No filme "Sociedade dos Poetas Mortos", o professor de Literatura, John Keating (Robin Williams) segue qual teoria do Currículo? Tendo em vista que ele repele a idéia de métodos tradicionais imperativos da instituição escolar.

Após assistir o filme, debata com seus colegas e justifique as atividades docentes deste professor.

2. Assista também o filme O Sorriso da Monalisa, em que a professora tem uma história de afeto com suas alunas, seria isso muito importante para o aprendizado de suas alunas? Justifique.

3. Por fim, assista ao filme: Filhos do Silencio onde o professor (Willian Hurt) usa uma didática mais próxima, ou seja, teoria critica para trabalhar com os surdos, arrancando protestos da aluna surda (Marlee Matlin) que realmente insiste em se inserir e continuar com a cultura surda.

Se você quiser assistir outros filmes parecidos em que os professores são personagens principais, clique no Cine do Professor no site: Nova Escola http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?cine_professor/index

Unidade III – Com vistas a uma Didática Surda

Gládis, não acrescentei nada nesta unidade, pois os textos da Perlin, Reis e Hessel já falam muita coisa, isso está nas atividades.

Os surdos como sobreviventes após os palcos da educação moderna em que a Didática se serve com métodos orais ou de treinamento do som, no sentido de recuperar a audição e a fala, e ainda serve-se de meios que nos tratam como anormais, já pode ser coisa do passado. Ou nos palcos atuais da teoria crítica onde podemos usar a língua de sinais, mas tem que saber português a fim de não ficar com aquilo que nos torna uma diversidade, ou seja, na afirmação desta teoria; “a língua de sinais é inferior”, também pode deixar de existir.

A existência de uma Didática dos surdos é bastante evidente como a teoria cultural permite entender. Ao apossar-nos dessa teoria notamos que nada há de inferior no fato de o aluno ser surdo e que a Didática de ensino pode muito bem assumir a partir do jeito surdo de acessar o conhecimento, um jeito de ser e de aprender, na diferença. Isto porque a teoria cultural que desenvolvemos afasta as obrigações de normalizar como na escola da modernidade e a denominação de diversidade e subalternidade da escola crítica. Está claro que não encoraja nenhum professor que entenda de cultura surda a reproduzir a Didática daquelas teorias. Contudo é preciso ter cuidado, elas existem bem vivas por aí. Veja, ainda existe uma programação Didática que se baseia em utilizar mecanismos de aproveitamento de restos auditivos, de reabilitação oral, de sons, de vibradores, de articulações que às vezes levam a perdas de conteúdos do currículo. Também existe uma programação didática que inferioriza a língua de sinais e que prioriza as aprendizagens como se fosse tudo o ouvinte que sabe.

Esta unidade quer colocar aqui como a Didática cultural se apresenta. Ela não é necessariamente do professor surdo, qualquer professor que use de elementos didáticos que se aproximam do jeito cultural dos surdos pode fazer com que esta Didática cultural esteja presente no dia a dia, na sala de aula junto ao aluno surdo.

A unidade também quer colocar sobre as estratégias do professor no momento de ele fazer Didática, as coisas de que ele se serve porque se serve destas e não de outras.

Finalmente quer trazer uma série de atividades que visam ao planejamento que leve a práticas Didáticas culturais que você já percebe nos professores comprometidos com o fazer cultural.

3.1. Didática Cultural

Uma questão que deveríamos trazer para aqui é sobre a Didática cultural. A pergunta: já entendemos porque ela não é Didática moderna e nem Didática crítica? Entendemos porque ela se apresenta diferente? O que ela tem que difere? Existe Didática cultural em qualquer cultura. O jeito de programar não é equivalente entre elas?

Se notarmos que há uma série de diferenças entre as Didáticas, pois a Didática moderna ou tecnicista foi elaborada por educadores de direita. Dessa forma ela sempre disputa a hegemonia do grupo dominante. A Didática crítica tem uma idéia de constituir um ponto de apoio para o sujeito sair da subalternidade e ser caracterizado como integrante da cultura da maioria. Como vimos estes aspectos não estão valorizando a cultura. Estão tendendo a universalidade e a globalização⁸. Então é necessário uma Didática cultural e ela existe e não se trata

⁸ Globalização no sentido de que tudo

de novidade. A atividade didática cultural tem de ser planejada, mas planejada de tal forma que não esqueça o elemento cultural.

3.2. A Didática Cultural dos Surdos

A Didática Cultural dos Surdos existe desde que o surdo encontrou o surdo. Um dos exemplos é aquele que se encontra registrado na prática do professor Eduard Huet⁹. A diferença na Didática por ele utilizada é de que não despreza nada. Ele planeja que o ensino ao surdo possa conter qualquer conteúdo que é legado da humanidade. Mas ele usa um jeito de interagir com o surdo. Isto possibilita que o surdo aja de forma autônoma. Ele usa de estratégias que permitam interagir com o surdo em vista do conhecimento, estratégias que problematizam, definem e levam ao encontro do conhecimento. Este professor não visa a correção do aluno, mas a introdução dele no conhecimento.

Neste tipo de ensino nunca vai dizer ao aluno: você tem uma falta, mas vai dizer: o conhecimento está aí e você pode se apossar dele.

Outro dado importante é que a Didática Cultural dos Surdos sempre questiona sobre o que é próprio dos surdos e também questiona sobre como alguém se constituiu superior aos surdos. Isto é, questiona as práticas normalizadoras dos ouvintes sobre os surdos.

Ela tem o sujeito surdo como sujeito multifacetado, com múltiplas identidades, um sujeito diferente, que se utiliza de língua e cultura diferentes. A Didática dos surdos programa as atividades de tal forma que trata os surdos como sujeitos de seu destino social.

⁹ Huet era surdo e foi o fundador do Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro. A sua didática adotou modelos de aprendizagem com uso de língua de sinais. Valorizados os surdos responderam satisfatoriamente. De tal forma que três anos após, ele apresentou ao público uma turma de sete alunos, todos eles capazes e alfabetizados seja na língua de sinais, seja em português.

3.3. Atividades

Ultimamente, em nossa pesquisa realizada com a colaboração de professores (as) surdos (as) importantes na atualidade, como disse Perlin (2006, p. 68) “principais produtores dos discursos narrativos da Pedagogia dos surdos”, contribuindo para pensares e dizeres no artigo *Surdos: cultura e Pedagogia*.

Agora vamos estudar e analisar a premência da Pedagogia Cultural Surda que é forte evidência para as nossas práticas culturais no contexto da sala de aula, vejamos os princípios norteadores da Pedagogia dos surdos, que não é simplesmente o fazer dos professores surdos, também damos abertura para os professores ouvintes desde que eles constituam pensamentos e comportamentos interculturais, que como disse Perlin (2006, p. 69): “[...] a) Enfatizar o fato de “ser surdo” b) Conservar a identidade como povo surdo c) Exaltar a língua de sinais d) Transmitir valores culturais e) Constituir a interculturalidade.”

Boa leitura!

3.3.1. Leitura obrigatória: Surdos: cultura e Pedagogia

PERLIN, Gládis. *Surdos: cultura e Pedagogia*. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.) *A Invenção da Surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

Roteiro de análise do texto:

1. Veja o filme *Filhos do Silêncio* e responda as seguintes perguntas:
 - a) o filme em questão mostra a forma de ensinar que poderia ser classificada como Pedagogia Surda? Ou a mesmo a Pedagogia moderna e crítica? Justifique

- b) considerando a época que foi concebida e filmada e com base nos fundamentos teóricos expostos em sala de aula, qual é o método, abordagem de ensino dos surdos utilizada no filme? Justifique.
- c) A personagem Sarah, representada pela atriz Marlee Matlin, se rebela com as formas de ensino, com a visão preconceituosa dos outros sobre ela e sobre os surdos são uma forma de repressão, de rebeldia, de revolta contra os dispositivos pedagógicos da escola?
2. Assista o filme Mr. Holland – Adorável Professor, em que o professor de música descobre ter um filho surdo, cite as cenas que mais te marcaram e justifique intercalando com o texto da Gládis Perlin.
3. Analise o texto e colete em sua cidade os discursos narrativos de professores surdos e ouvintes que condizem com as práticas da Pedagogia Surda e compartilhe na sala de aula.

3.4.2. Leitura obrigatória: O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda

SILVEIRA, Carolina Hessel. *O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda*. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). Estudos Surdos II. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo)

Roteiro de análise do texto:

1. O presente artigo elaborado pela Mestre Carolina Hessel constitui-se numa reflexão para os alunos do curso de Letras Libras e serve de subsídios para as práticas na interação professor-aluno. Com base neste texto, os entrevistados acreditam na importância da língua de sinais para a constituição da identidade, cultura e - seguindo a linha de pensamento

- do texto – para o seu apoderamento. Diante disso, você, graduando de letras/libras, dê a sua opinião acerca da importância da língua de sinais e cite as principais críticas que a autora mostra sobre a contratação de surdos nas escolas.
2. Pela análise da relação entre Currículo e identidade, percebe-se a relevância do Currículo para a constituição da identidade surda, na visão dos entrevistados.
 - a. O que você entende por Currículo surdo?
 - b. De que forma o Currículo contribui na constituição de identidades conforme a visão do texto?
 - c. Como futuro professor, elabore seu Currículo com sua própria concepção e indique o lugar ou o espaço da língua portuguesa no Currículo, se como língua estrangeira ou se como a adotada nas escolas atuais e justifique.
 3. Com base no texto, indique estratégias para que a língua de sinais tenha uma importância e posição privilegiada na hierarquia curricular apresentada pelo MEC, considerando que muitos alunos surdos registrados no texto opinam pela beleza da fala oral.
 4. Na visão dos professores entrevistados, o que é cultura surda e o que não é próprio dela? Qual a sua visão sobre cultura surda e se há ou não estratégias na aplicação da cultura surda em sala de aula inclusiva e quais seriam?
 5. A autora diz no texto que há uma intensa relação entre a fluência da LIBRAS pelos professores ouvintes e a aquisição de sua língua por alunos: se o professor ouvinte não possui boa fluência em LIBRAS, “os

alunos sinalizam devagar”, caso contrário, os alunos terão uma fluência maior. Os argumentos da autora procedem? Justifique, citando exemplos.

3.4.3. Leitura obrigatória: Professores Surdos: Identificação ou “Modelo”

REIS, Flaviane. *Professores Surdos: Identificação ou “Modelo”*. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo)

Iniciamos aqui questionando os discursos ainda presentes no contexto da educação de surdos sobre a necessidade de professor surdo como “modelo” para crianças surdas, encontramos isso em palestras, documentos oficiais e ainda em próprios membros da comunidade surda que ainda teimam em utilizar o termo “modelo” nos discursos sobre a necessidade de profissionais surdos nas escolas.

Assim, nossa proposta é a leitura do artigo de Flaviane Reis sobre a diferença entre “modelo” e identificação quanto na questão do professor surdo. Boa leitura!

Roteiro de análise do texto:

1. O texto ressalta a importância da identificação na prática escolar e rejeita a ideia de modelo, ainda que fortemente prescritos nos documentos oficiais, artigos, entre outras produções. Com base no texto lido, diferencie a identificação do modelo, no âmbito dos Estudos Culturais.
2. Numa observação acurada do texto, percebemos que a identificação constrói-se na heterogeneidade para a constituição de sua identidade e o modelo é dito como a cópia do outro que volta para mesmidade. Opine sobre as questões abaixo:

- a) Contextualizando a realidade histórica por que tem passado os sujeitos da educação, como você entende a postura do instrutor/monitor surdo em relação ao professor ouvinte?
- b) E em relação ao alunado, há ou não uma identificação do instrutor/monitor surdo, tendo em vista que há notícias de alguns surdos que são modelos de ouvintes no processo educacional? Justifique.

Unidade IV

A Didática surda como planejamento do ensino

Propor uma Didática surda ao jeito de ensinar da humanidade, no ensino ao surdo, muitas vezes é desconhecido. Temos a impressão de que a Didática surda tende a desconstruir grande parte do conhecimento humano. Não é bem assim, ela visa contribuir. Se ela critica a Didática formulada na teoria moderna que remete ao ensino do jeito do ouvinte, também visa construir na forma cultural surda. Pois é a este ato de planejar diferente, a isto que estamos nos referindo. A pesquisadora surda, Reis (2006) refere sobre a transgressão pedagógica do professor surdo. Ela deixou claro isto quando refere que o professor surdo realiza uma Didática diferente. A transgressão pedagógica acontece ao planejar diferente no jeito de ensinar. O que ela estava dizendo? Simplesmente estava dizendo que é evidente que os professores surdos acham necessário desconstruir e construir do jeito surdo a prática Didática. Esta desconstrução no entender do professor surdo é o jeito de ensinar que melhor aproxima o conhecimento do sujeito surdo e que faz dele um sujeito que desenvolve atitudes próprias diante da vida e independência do ouvinte. É a Didática na forma cultural própria.

Mas o que é transgredir?¹⁰ Significa não fazer didática como os ouvintes fazem do nosso jeito, surdo. Significa de ensinar de forma cultural, dessa forma acrescentando aos temas referentes ao ensino que é patrimônio da humanidade e, além disto, estender o conhecimento também a nossa diferença surda. A transgressão do professor surdo é muito presente e vai mudar, durante o ensino aos surdos, as normas da modernidade tradicional e da teoria crítica que visam

¹⁰ Foucault apud Hall (2003, p. 219) diz: *Transgressão. Talvez um dia ela pareça tão decisiva para a nossa cultura, tão parte de seu solo quanto à experiência da contradição foi no passado para o pensamento dialético. A transgressão não busca opor uma coisa a outra... não transforma o outro lado do espelho... em uma extensão rutilante... sua função é medir a excessiva distância que ela inaugura no âmbito do limite e traçar a linha lampejante que faz com que o limite se erga.*

as posições dominantes e trazer para perto do surdo a diferença. E ao mesmo tempo, esta Didática auxilia no ensino e na compreensão da vida. Os surdos não pretendem modificar o conhecimento da humanidade referente à forma didática, mas viver as suspeições de estar comprometidos em não modificar o comportamento cultural, mas em deixá-lo ser. Deixar que a cultura surda fosse o espaço de construção¹¹, de identidades, de trajetória histórica.

Então planejar o ensino didático ao surdo. Como planejar? Há planejamento diferente? Como é ele? Esta unidade visa introduzir no planejamento, no modo de produzir educação na visão cultural.

Corazza diz que “a prática do planejamento de ensino pode ser reconcebida pelas escolas críticas de educação de professores, como uma das estratégias políticas de suas lutas culturais” (2005, p. 104). Queremos dizer que na educação de surdos podemos usar o planejamento de ensino como uma estratégia e contestação para as nossas lutas pela cultura surda.

4.1. O planejamento do ensino na Didática Surda: uma estratégia de política cultural¹²

Haveria política cultural no momento de utilização da Didática como planejamento de ensino? A resposta é bastante complexa, mas é afirmativa.

Vamos sair das grandes e legitimadas formas de se fazer Didática e vamos entrar na questão da Didática cultural surda.

É sabido que os professores surdos, todos eles não estão trabalhando com conceitos ouvintes. Corazza (2005), como integrante dos pós-modernos palcos da educação refere isto em nota de rodapé “[...] realizava esforços de aprender

¹¹ Muitas culturas foram aos poucos morrendo, o que as destruiu foi a indiferença com suas bases, a falta de alimentação didática de seus povos.

¹² Usamos o subtítulo em referencia ao artigo da Sandra Corazza (1997) que nos inspirou a escrever esta unidade: *Planejamento de ensino como estratégia de política cultural*.

os temas populares, codificá-los pedagogicamente, pelo trabalho de ensino, auxiliar os sujeitos a deles se conscientizarem criticamente.” Então daí pode-se perceber o que é trabalhar de dentro da cultura surda. O professor surdo se serve de mecanismos e critérios seletivos onde interage com o sujeito surdo no sentido deste se posicionar criticamente face ao sujeito não surdo, bem como diante de todo o conhecimento legado pela humanidade. O sujeito surdo se posiciona como sujeito surdo e não terá preconceitos em ser o que é se sentirá dono do conhecimento e a partir daí vai interagir criticamente com o mundo. Esta é a estratégia de política cultural. O sujeito surdo aprende a modificar criticamente o mundo. Assim, quero descrever aqui um exemplo: se o mundo dos ouvintes tem a TV que privilegia a comunicação oral, o surdo vai insistir que a comunicação seja visual, vai lutar por insistir na legenda.

O pensamento pós-moderno enfatiza aos surdos aspectos de outra visão como políticas de representação cultural, língua de sinais, história cultural, identidade, posições de poder e toda uma gama de artefatos culturais que se sobressaem entre os alunos nas escolas que adotam a Didática cultural.

É ainda Corazza (2005, p. 113) quem fala que nesta concepção a “língua é produtora de significados sobre as coisas”. A aprendizagem do surdo a partir da Didática cultural surda só pode ganhar com tais concepções. Daí, porque a Didática se utilizando da língua de sinais evoluiu politicamente com tanta propriedade que hoje temos o curso Letras/Libras como um dos mais avançados componentes políticos da Didática dos surdos. E daí, então fora de órbita aqueles que dizem que a Didática de surdos leva a guetos. Observando bem, nós, os surdos, lutamos muito pela língua de sinais e toda nossa Didática despreendida levou muitos ouvintes a se beneficiarem da diferença que esta língua lhes traz. A Didática surda não é nenhuma ideologia que leve a algo emancipatório, não é um gueto. Ela tende a uma virada cultural, ao abandono da anormalidade e a construção de identidades e subjetividades surdas.

4.2. Narrativas de temas culturais utilizados em Didática por professores surdos

A forma de planejar o ensino aos surdos que vem sendo trabalhada na Didática dos surdos diz respeito à escolha de temas onde o elemento da valorização cultural surda predomina. Não é o elemento onde o surdo continua como subalterno, mas o elemento onde o surdo se auto-representa como sujeito cultural. O quadro que segue mostra a Didática utilizada pelo professor surdo¹³.

Plano de Ensino:

Disciplina: Língua de sinais

Tema cultural I: O discurso da mídia sobre o surdo.

Objetivo: Este tema tem como objetivo trabalhar com a mídia em suas diversas manifestações sobre o que ela representa na sociedade para a divulgação da imagem do sujeito surdo, como forma de produção não somente de saberes, mas também de subjetividades.

Justificativa: Estamos escolhendo a mídia que é umas múltiplas formas mais forte para influenciar a opinião publica sobre os surdos. Sei que além desta tem muitas outras formas, como por exemplo: os espaços da inclusão, da educação especial, os documentos do MEC, as narrativas de certos grupos culturais e mesmo as narrativas dos surdos. Todas elas falam do sujeito surdo. Estamos nos servindo do campo teórico dos Estudos Culturais como pano de fundo, ele alimenta a idéia da necessidade de colocar a identidade surda como diferente do ouvinte. E a partir daí avaliar como a mídia representa a identidade surda.

¹³ Não estamos tratando da didática de todos professores surdos, mas de alguns professores surdos mais produtivos da didática cultural. Trata-se da didática observada nos professores surdos durante a pesquisa sobre a pedagogia de surdos realizada por professores também surdos. No momento não nos referimos aos professores não surdos, pois o objetivo da pesquisa era de não incluir este aspecto o que colocaria de vista um foco maior, nossa perspectiva era ver que acontecia na prática de professores surdos.

A idéia de trabalhar com o discurso da mídia visa despertar para o sistema de representação do surdo. Pensamos que é importante desenvolver entre os surdos um trabalho onde seja problematizada a idéia de anormalidade, de deficiência, e aqueles conceitos que dizem que os surdos têm língua de sinais inferior, etc...

Sub-temas a ser tratado na parte I:

Os alunos serão motivados na aula anterior, bem como a professora a participa para trazer qualquer recorte de notícia, DVD, filme que implique em Representações do surdo na mídia. A mídia constantemente tem citado o nome dos surdos, e não é uma citação única. Há alguns títulos bastante complexos como: O surdo usa do olfato; Filhos do silencio; Surdo-mudo; Deficiente surdo. Sei que as maiores menções dos surdos na mídia estão nas páginas policiais onde se noticia que alguns surdos roubam se suicidam etc... Todos estes tem algo que nos colocam num mundo menos, como se nossa vida fosse ruim. Difícil é encontrar algo que diga de nossa diferença, nossa felicidade de sermos o que somos a beleza de nossas construções culturais. Parece que a representação do surdo gira em torno da deficiência, do ruim, do feio, do menos bom...

Sub-tema a ser tratado na parte II

Sobre a Identidade dos surdos: Os surdos não têm uma identidade, mas múltiplas identidades. Elas são multifacetadas e se apresentam de forma única. Às vezes dá para agrupá-las como no texto de Perlin (1998) porém preferimos utilizar a forma individual de identidades. Leitura do texto e debate.

Sub-tema a ser trata na parte III

A verdade da diferença surda: O momento é próprio para o surdo se conscientizar de sua diferença e entender que ser surdo não é uma fatalidade como pensam e que nosso mundo não é tão ruim e tão negro como atribuem. O

trabalho nesta parte deve elaborar questões para enfrentar a mídia e tentar mudar o quadro. Inclusive justifico este trabalho pela importância de se estudar nossa diferença e de se colocar uma forma não agressiva de nos defendermos dos estereótipos e preconceitos gritantes que a sociedade apresenta contra nós nos lançando na exclusão. Nossa capacidade de enfrentar e fazer valer os nossos direitos devem ser colocadas aqui. Porém na resistência, sem violência, sem ofensas aos ouvintes e trabalhando de forma a que eles reconheçam nossa diferença.

Estas três partes satisfazem para a necessidade de enfatizar a diferença surda diante do ouvinte. Não é possível que nos mantenhamos no mundo como excluídos e sem participação social. Não é possível que nos mantenhamos a margem do desenvolvimento, por exemplo, se os ouvintes se beneficiam da TV pelo mostrar social sobre valores reinantes, nós temos e devemos nos beneficiar da TV para elucidar nossa diferença, o que somos e também temos direito de não nos considerarem párias sociais com o exemplo descrito no trabalho do sub-tema I.

Esta Didática tem seu valor. Claro que o argumento da escola ser menos excludente e impulsionar a participação do surdo no desenvolvimento social, bem como colocar sua consciência diante do mundo e sua capacidade de se auto-conduzir diante das inúmeras barreiras que colocam a um surdo, mais ainda de se defender dos preconceitos existentes pode ser útil aos estudantes surdos. Se perguntassem o que isto serviria para os exames de vestibular, o correto seria prever a capacidade de posição crítica de tal estudante diante do vestibular.

4.3. Uma série de temas culturais que os professores surdos estão colocando com o exercício da Didática

A base das contribuições que o pensamento foucaultiano¹⁴ tem trazido a educação dos surdos está bastante presente. Impulsionados pelos Estudos Culturais e pós-estruturalismo a Didática dos professores surdos pesquisados esta ganhando novas formas no ensino do professor surdo.

Como ficou saliente na exposição realizada nesta unidade, a idéia do professor surdo trabalhar a Didática de forma a motivar a participação dos sujeitos surdos numa pesquisa e pela leitura do material referente a mídia na forma como trata do tema do sujeito surdo e propor debate e busca de estratégias de construção, resistência e desenvolvimento de identidades e subjetividades. Estas são questões de contextualização de uma escolarização que integra produções culturais.

Mas a temática da mídia não para aí. Notamos que já se está fazendo valer a prática discursiva da política cultural de forma interessante. Esta Didática não esta sendo empecilho a aquisição do conhecimento científico da humanidade, mas ela está colocando o aluno numa posição de necessidade de adentrar-se neste conhecimento de forma critica e impressionante.

Quadro de alguns temas que os professores surdos estão colocando sob influência dos Estudos Culturais e pós-estruturalismo:

Cultura Surda

Identidades Surdas

Escrita de Língua de Sinais

Significados da normalidade/anormalidade

¹⁴ Nos referimos ao autor Michel Foucault, forte pensador em nossa atualidade. Para saber mais sobre ele, leia o livro de Alfredo Veiga-Neto. *Foucault e Educação*.

Literatura Surda

Políticas Educacionais de Surdos

História Cultural de Surdos

Dia do Surdo

Índios Surdos

Crianças Surdas

Estes vários temas que os pensamentos foucautianos e também dos Estudos Culturais têm motivado também motivam a desconstruir pensares que motivam formas excludentes. Por exemplo, há muitos depoimentos surdos onde o ensino destinado aos ouvintes simplesmente os excluía de participação, e voltavam para casa com o semblante carregado e tenso devido à sensação de se sentirem deficientes, nesta forma de Didática fica anulado e o surdo se sente sujeito participativo. Todos os temas por nós pesquisados, bem como nossa entrevista aos alunos surdos onde eles declaram que se sentem melhor sentindo serem eles mesmos e que a rejeição da surdez acabou e a sensação da diferença é mais presente.

Quando os professores surdos citam estes temas é de acordo com Corazza: “propor um planejamento é produzir uma visão política e um espaço de luta cultural” (2005, p. 124), isto nos remete a idéia de que as práticas culturais presentes na sala de aula levantam a auto-estima dos alunos surdos por isso a importância do uso de estratégias de tematização condizentes com os artefatos culturais do povo surdo, como a escrita de língua de sinais.

4.4. O preparo didático

A luta cultural no planejamento do ensino didático que os professores surdos pesquisados apresentam está deveras enraizada. É impossível de separá-la. O professor surdo fala: “me sinto mais familiarizado com isto porque é meu jeito de ensinar” (MW. 2006). O professor surdo tem este preparo didático? Realmente sim. Pasmou a nós pesquisadores ao notar que um dos professores planejava toda sua Didática com lançando-a no caderno com a escrita de língua de sinais. Era emocionante de ver a novidade do professor trabalhando com escrita de sinais e as crianças atuando de forma interessante uma relação inigualável. E ficamos pasmos, pois já presenciávamos em outras classes alunos surdos deixados à revelia, sem si quer participar nos conteúdos, pois seus colegas eram ouvintes, seus professores os ignoravam e quase sempre achavam que não valia a pena ensinar.

Este preparo didático diferente deixa os surdos em vantagem. Abrevia o tempo da aprendizagem pela gama de conhecimentos que é capaz de transmitir.

Importa então narrar aqui a prática de planejar. Para Silveira (2006), o professor não costuma registrar sua Didática, muitos professores surdos costumam rabiscar algo na agenda.

Enfim, a prática de planejar é poder estar em constante aprimoramento, em que o professor é pesquisador, é questionador, é preocupado com o aprendizado de seus alunos, quando nos deparamos com as dificuldades de alunos, nos questionamos onde havia o erro didático, o nosso planejar, claro que não podemos nos deter em aperfeiçoar o nosso planejamento com o intuito de deixar tudo em ordem, em sistematizar as aulas, devemos deixar em foga os planejamentos sob suspeita, ou seja, planejar no ritmo da sala de aula, do aluno, com as suas reais necessidades, com os seus questionares na sala de aula, isto é, os professores nesta situação, devem ser apenas mediadores do ensino e não como meros transmissores de conteúdos.

4.5. Atividades Finais

1. Faça uma pesquisa e analise as reportagens sobre a Educação de Surdos descrita pela Revista Nova Escola e descubra se há ou não teorizações e práticas de Didática Cultural nesta Revista. Faça esta atividade com um grupo no máximo de quatro pessoas para fazer uma apresentação em sala de aula.

Faça uma busca no site www.novaescola.com.br e nas bibliotecas universitárias e públicas que contenham assinatura da Revista Nova Escola.

2. Escolha qualquer uma das escolaridades da Educação Infantil ao Ensino Superior bem como os dois temas abaixo, e faça um planejamento de aula para os alunos surdos. Esta atividade deve ser feita em grupo de até quatro pessoas.
 - a. Cultura Surda
 - b. Identidades Surdas
 - c. Escrita de Língua de Sinais
 - d. Significados da normalidade/anormalidade
 - e. Literatura Surda
 - f. Políticas Educacionais de Surdos
 - g. História Cultural de Surdos
 - h. Dia do Surdo
 - i. Índios Surdos
 - j. Crianças Surdas

3. Aprecie e analise o livro do MEC: **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos** Clique no PDF no site do MEC:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunossurdos.pdf>

Faça uma reflexão crítica sobre este material que é distribuído a todos os professores do País. Você, como futuro licenciado em Letras/Libras, que estudou e debateu a disciplina Didática e Educação de Surdos com suas implicações, recomendaria o referido material para os professores? Justifique. Escreva sobre isso em no mínimo duas páginas.

CONCLUSÃO:

O objetivo de incluir um ensino mais cultural mais próprio dos surdos tem levado a Didática cultural. Os temas culturais têm influenciado a consciência e a aproximação ao conhecimento científico da humanidade de sujeitos surdos.

O professor surdo ao fazer escolhas nos campos do conhecimento humanos leva aos sujeitos surdos através de uma Didática visual conhecimentos importantíssimos para a construção do conhecimento.

A Didática surda não é necessariamente cultural, é o jeito surdo de transmitir o conhecimento ao aluno surdo.

Fica o convite para lançarmos a Didática Cultural Surda em nossa formação docente!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CORAZZA, Sandra Mara. *Planejamento de ensino como estratégia de política cultural*. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). *Currículo: Questões atuais*. Campinas: Papirus, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERLIN, Gladis. *Surdos: cultura e Pedagogia*. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.) *A Invenção da Surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

REIS, Flaviane. *Professores Surdos: Identificação ou "Modelo"*. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo)

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade. Uma introdução às terias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Carolina Hessel. *O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda*. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo)

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.